

Notas&Comentários

POESIA PORTUGUESA DO SÉCULO XIII AO SÉCULO XXI

Sea cual sea la motivación de la selección del canon, es importante discutir las tendencias restrictivas de las listas críticas y pedagógicas. Dadas las fuerzas que generan la circulación profesional de los textos, nos arriesgamos a sufrir un estancamiento intelectual si no luchamos por nuevas selecciones basadas en nuevos criterios.

WENDELL V. HARRIS, «LA CANONICIDAD»¹

Uma antologia, seja ela qual for, suscita sempre questões de gosto, de escolhas, de selecção. Gosto, escolhas, selecção com directrizes das quais se pode discordar, concordar em parte ou estar em absoluta sintonia. Quem se lança num trabalho de selecção, escolha e apresentação do gosto deve ter em conta que o gesto antológico é sempre, no fundo, um filtro quanto à diacronia e sincronia dos factos culturais, sendo certo que, no que diz respeito à nossa cultura, qualquer antologia que se faça, no âmbito da poesia, é, ainda mais, um gesto de ousadia ou, pelo menos, de consciente tomada de posição quanto a autores pretéritos e contemporâneos.

Toda a antologia de poesia requer, por isso, um especial critério organizativo, seja quanto a aspectos cronológicos propriamente ditos, seja quanto a aspectos que se prendem com a legitimação de escolhas poéticas que devem (se os antologadores forem isentos) ir para lá das tendências dominantes de um determinado tempo. Este último elemento deve ser ponderado, porquanto se relaciona com o gosto ideológico de um certo período, o qual, para todos os efeitos, rege, inconscientemente, as escolhas feitas pelos antologadores. Deste

Mandel Amado
Pintada Rua Nova do Almada (1997)
Óleo s. tela
114 x 146 cm

Col. particular

ponto de vista, fundem-se os dois critérios: o cronológico, a questão da organização dos textos em termos de ilustração da diacronia poética; e, como veremos, o correlativo ao gosto de quem antologia. E, se dizemos gosto (algo tão subjectivo quanto pernicioso no julgamento frio de uma obra), torna-se-nos claro que nem sempre a questão do gosto acompanha a questão da justiça e justeza quanto ao *corpus* seleccionado.

Por se tratar de uma obra marcante no panorama editorial português (com o peso simbólico que advém do aparato crítico e, muito em particular, do prefácio de Vasco Graça Moura), a antologia *Poemas Portugueses*, com organização, selecção, introdução e notas de Rui Lage e Jorge Reis-Sá*, devia ter em conta, de forma mais clara, os critérios a que fizemos referência. Não está em causa a sua «boa vontade». Está em causa saber-se que a literatura não se faz de boas intenções, mas sim de uma objectividade possível, centrada na historicidade dos textos, à luz da importância simbólica e ideológica de que são dotados numa determinada cultura. A antologia de Adolfo Casais Monteiro sobre *A Poesia da Presença* teve em conta, por exemplo, esse gesto pedagógico-didáctico de, simultaneamente, oferecer aos leitores a poesia de uma revista que era, bem vistas as coisas, a poesia de toda uma geração. O seu gesto fundava-se, pois, em objectivos claros de revisão de problemas estéticos, iluminação de textos esquecidos e, se quisermos, de legitimação de uma *forma mentis* poética.

Com efeito, desfazendo equívocos, Casais Monteiro e a sua antologia da *Presença* é um bom exemplo de gosto e selecção, à luz de um critério «multilateral», como sublinhou Osvaldo Manuel Silvestre. Multilateral quer dizer, neste contexto, plural e significativo, algo que, bem vistas as coisas, igualmente encontramos na *Antologia da Poesia Portuguesa* de Alexandre Pinheiro Torres. Pese embora não avançar para além de Florbela Espanca, trata-se de um projecto editorial precursor e criterioso. Para além de Pinheiro Torres, também as quatro séries das *Líricas Portuguesas* (respectivamente organizadas por Régio, Cabral do Nascimento, Sena e Ramos Rosa) e a mais recente antologia coordenada por Pedro Serra e Osvaldo Manuel Silvestre, *Século de Ouro*, relativa à poesia novecentista, podem funcionar como projectos de monta que, de algum modo, serviram de inspiração a *Poemas Portugueses*. E esta questão dos antecedentes importa, na medida em que Reis-Sá e Lage desde logo parecem querer legitimar este projecto convocando Vasco Graça Moura, responsável por cerca de meia centena de verbetes. Estratégia multilateral? Pretendeu-se, com essa convocação, afirmar a multilateralidade, a pluralidade de tendências presentes nesta antologia? Em particular, no que respeita ao século XX, foi essa pluralidade plenamente atingida?

Esta antologia, traz consigo, no próprio título, a entronização de uns quantos autores e o esquecimento de alguns; o que, para efeitos de recepção (tenha-se em conta o leitor comum, mas também as várias latitudes a que este livro chegará) pode conduzir — em relação à contemporaneidade — a equívocos graves. Um deles prende-se com a enunciação exposta no título: «Poemas portugueses», designação que carece de esclarecimento, dado que o atributo «portugueses» tanto pode referir-se aos poemas «só» de autores nascidos em Portugal como pode dirigir-se ao espectro total da língua portuguesa. Assim sendo, por que motivo não se explica ao leitor comum as ausências de poetas brasileiros, de Olavo Bilac a Drummond, Adélia Prado, João Cabral, Manuel Bandeira? Onde estão Ribeiro Couto, Jorge de Lima, Vinícius, Cecília Meireles (presentes, estes cinco autores, na selecção de Casais Monteiro, por exemplo, e, ainda que fosse «da *Presença*», era, também, um projecto português de poesia...), ou Ferreira Gullar, Carlos Nejar, ou ainda outros poetas revelados nos últimos vinte anos, de Carlito Azevedo a Eucanaã Ferraz (autor publicado com chancela portuguesa, aliás), de Paulo Henriques Britto (publicado na Portugaláia, há pouco tempo) a Luis Maffei? Portanto, apesar de incluir 267 autores e mais de 2000 poemas, não é sob o critério da multilateralidade que esta antologia se organiza. E veremos porquê.

No prefácio, escreve Vasco Graça Moura que *Poemas Portugueses* se baseia «num grande conhecimento da literatura portuguesa e em opções de gosto seguras, recupera autores que, por vezes, não se encontram facilmente disponíveis no mercado editorial, percorre um arco de tempo que vem dos cancioneiros medievais até aos nossos dias, permite cruzamentos, correlações e derivas» (p. 7). Não pondo em causa a verdade destas palavras, note-se, porém, que a propósito de «opções de gosto seguras» (e uma das funções da crítica, segundo Eliot, seria justamente a de promover o gosto público) nos confrontamos com textos que dificilmente podemos incluir nesse critério. É o caso, veja-se bem, de alguns poemas de Daniel-Maia Pinto Rodrigues, em que estão ausentes quaisquer noções de trabalho linguístico e/ou de melopeia, de transfiguração da realidade, de construção vocabular e imagística, ainda que no verbete se diga que o autor de *Dióspiro* é um «Poeta da exterioridade e do espaço, atento às incidências da luz mais que aos estragos do tempo [...] hesi[tando] entre pintor e (detalhe na) pintura»: «Depois do almoço / quando arrastamos a cadeira / um pouco para trás / [...] // É nessa altura que dizemos: / vou comer este dióspiro / antes que apodreça» (p. 2011). Ou ainda: «O urso grande de peluche / que dei ao meu filho / está cada vez mais pequeno» (p. 2019).

Nos termos em que a selecção se apresenta (longe de «escolas» ou de disputas grupais), dir-se-ia que os antologiadores ficaram emparedados entre o desejo de mostrar as últimas tendências e o projecto de legitimar, de prestar homenagem a autores consagrados. Se se tivesse em conta a diacronia — defendeu-se a inclusão de poetas revelados até ao fim do século transacto, que acabou a 31 de Dezembro de 2000 —, os antologiadores teriam de inserir, para todos os efeitos, Manuel de Freitas, Ana Paula Inácio e Ana Marques Gastão, e também Fernando Eduardo Carita (tão escandalosamente desconhecido da crítica e publicado, pela primeira vez, em 1988), e até José Luís Peixoto, cuja ausência, apesar de compreensível, participa da mesma impressão de desequilíbrio de que este livro padece. Na verdade, se a selecção de textos vem até obras publicadas em 2008, como se justifica a ausência dos autores supracitados, a que se soma, ainda, a falta da poesia de Fernando Luís Sampaio? E, assim sendo, não ficam os leitores penalizados quanto à possibilidade de estabelecer correlações, entender as derivas e efectuar cruzamentos?

Aliás, e vendo só transversalmente algumas outras ausências, ou desequilíbrios, perguntemo-nos se não haveria espaço para incluir nestes *Poemas Portugueses* poetas como Saúl Dias, Francisco Bugalho, António Pedro ou António de Sousa (os poemas «Versos de um dia doente» ou o belo «Ilha Deserta» podiam figurar aqui!); António de Navarro («Epitáfio» é, julgo, um texto digno), Maria Valupi e Fausto José, ou António Barahona e Ernesto Sampaio. Quer dizer, este volume, na monumentalidade que nos oferece, proporciona-nos também o «espelho» mental das escolhas, preferindo-se, por questões de recepção, a verdade antológica, à luz de outros caminhos que os estudos literários e a crítica não vêem, não podem ver e nem têm de ver.

Forçados a desbravar, como escrevem Lage e Reis-Sá, «o mato dos consensos críticos e/ou académicos, ou a percorrer consideráveis distâncias em baldios e descampados ao encontro de poetas ignorados ou evitados de forma mais ou menos ostensiva», os poemas atestam precisamente o que os autores queriam evitar: esta é uma antologia representativa, que se quer canónica, e, por isso, dir-se-ia mais o reflexo de dois gostos (de Reis-Sá e Lage) do que de uma metodologia fria, não sendo seguro que relativamente aos poetas do século xx estejam representadas todas as tendências ou, na razão inversa, apenas um determinado nível de linguagem se queira canonizar...

Em rigor, há aqui uma inflação daquilo a que poderíamos chamar «poética do literal», em que ao trabalho poemático, retórico até, se prefere o imediato, a comunicação mais fácil. Porque se dirigem estes textos ao leitor comum? Evitaram Reis-Sá e Lage, a todo o

custo, «que esta antologia servisse para, aberta ou disfarçadamente, marcar territórios ou tomar partidos», como desejaram? A resposta parece inconcludente e nem importa muito. O facto é que, lendo, há paradoxos e questões que se levantam por uma simples questão de justiça e razoabilidade, como é o caso de Manuel Gusmão, autor com importantíssima obra poética revelada a partir de 1990, e um dos mais destacados críticos dos últimos trinta anos, reduzido a um só poema. Se é verdade que Lage e Reis-Sá recuperam Assis Pacheco, não menos verdade é que há textos de Herberto que deviam constar e há, para citar outro caso, textos em prosa de António Osório que não se percebe como possam não comparecer.

Incidindo a selecção dos textos na data de nascimento do autor e não na «escola» literária que representam, não raro esse critério de década/data embate em questões de sistematização ideológica. Por exemplo, de Vitorino Nemésio não constam poemas que, ideologicamente, unem a geração modernista com a do presencismo. Nemésio é talvez, com Sena, um dos poetas em que melhor se percebem as derivas da linguagem poética que nos levam do psicologismo presencista aos *Cadernos de Poesia* e ao surrealismo. Mas faltam poemas como «O Canário de Oiro», «Navio de Sal», «Azorean Torpor» ou «O Bicho Harmonioso», axiais para a compreensão dessas derivas. Dos autores nascidos nos anos 20, Carlos de Oliveira foi vítima de excesso de excertos, sendo que o indivisível «Descrição da Guerra em Guernica» ou «Salto em Altura» são poemas que só ganham quando lidos como se de um só poema se tratasse. Justamente a ausência de poemas centrais da nossa modernidade estética põe em causa o bom senso de algumas escolhas. Privilegiou-se, em alguns casos, a quantidade, não tanto a exemplaridade. E se é verdade que Lage e Reis-Sá citam Jorge de Sena, considerando, tal como o autor de *Perseguição*, que «a imparcialidade é, no fundo, a arte de apanhar os outros desprevenidos», igualmente verdade é que Sena fala em astúcia, que o mesmo seria dizer equilíbrio, precisamente para que, desprevenidos, saibamos apreender melhor as razões de uma antologia. Citar Beckett, conquanto se tenha consciência de que tudo o que é humano possa falhar, não chega para outros motivos de espanto.

De Mário de Sá-Carneiro, faltam poemas como «Álcool» e «Último Soneto»; de Pessoa, entre ortónimo e heterónimos, não se entende o excesso de poemas políticos, contra Salazar, estando em falta poemas canónicos como «Pobre velha música», o soneto X do ciclo «Os Passos da Cruz», o XIII do mesmo ciclo («Emissário de um rei desconhecido»), bem como algumas odes de Reis («Para ser grande sê inteiro»), por exemplo, e ainda o incontroverso «Opiário». De Caeiro,

vale a pena dizer, justificar-se-ia, aqui sim, o excerto. E teríamos ainda que lembrar, de Torga, «Orfeu Rebelde», «Viagem» e «Sísifo» (se a antologia persegue a didáctica); de Cinatti alguns poemas como «Crise Lamentável», «Resolução», «Angústia». De Mário Dionísio, «Arte Poética» e «Gradeamento»; de Jorge de Sena, poemas essenciais quanto à definição da poética do testemunho: «Metamorfose», «Ode à Incompreensão», «A Portugal», «Fidelidade», que não constam. De Sophia, textos axiais como «Inscrição» ou «Para atravessar contigo o deserto do mundo»; e ainda, de Eugénio, «As Palavras Interditas», «As Palavras», «Acorde Perfeito».

Já de Cesariny, o poema «Corpo Visível» não se compreende que não esteja; quanto a O'Neill, faltam poemas como «Os Domingos de Lisboa», «O Quotidiano 'Não'», «Velhos de Lisboa», «O Adjectivo» ou «Autocrítica», e, de Ramos Rosa, poemas célebres: «Não Posso Adiar o Amor», «Através da Memória» ou «Um Mundo». David Mourão-Ferreira, por exemplo, não foi contemplado com os belos poemas «Romance de Amalfi», «Interior», «Crepúsculo», «Música de Cama», «Retrato de Rapariga» ou «Ternura». João Rui de Sousa apenas vê figurar um poema de um dos seus mais importantes livros, *Quarteto para as Próximas Chuvas*, com o qual ganhou o Prémio António Ramos Rosa (2009); e é injusto que não constem, de António José Forte, alguns poemas em prosa do seu primeiro livro (lembro, em particular, o intitulado «Poema»). De Ruy Belo, o conhecido «Na Morte de Marilyn» não figura e, de Gastão Cruz, poemas como «Erros» (de *Crateras*) e outros de *A Moeda do Tempo*. Quanto à poesia no feminino, veja-se também o desequilíbrio existente entre poemas seleccionados de Ana Luísa Amaral e Maria Teresa Horta, por oposição aos textos de Adília Lopes, voz legitimadora, justamente, daquilo que nos parece ser uma tendência que obnubila outros caminhos da poesia recente.

Independentemente do juízo que possamos fazer em relação a *Poemas Portugueses*, tenha-se em conta que há um horizonte de expectativas relativamente a um objecto desta natureza, cujas dimensões acabam por fomentar «mal fundadas esperanças». Se recuarmos ao século XIX, a Camilo Pessanha, não leremos «Inscrição», nem os poemas «Imagens que passais pela retina» e «Branco e Vermelho», ainda que Gomes Leal saia do limbo e se veja restaurado.

T. S. Eliot escreveu em ensaio célebre que a crítica deve possuir um sentido factual apurado, isso mesmo se esperava de Reis-Sá e Lage, porquanto esta seja, sem dúvida, uma empresa meritória, de exigente trabalho. Mas é preciso saber o que se compara e analisa e aí, relativamente a outros períodos desta antologia, o método crítico deveria ter prevalecido.

Em última instância, *Poemas Portugueses* cumpre o desiderato de ser «português» (sem mais, como explicitamente escrevem Reis-Sá e Lage), com ganhos e perdas. O problema é, de facto, de «consciência histórica», pois as escolhas inseridas neste extenso volume, desejando-se espelho de posições «opostas [que] formam um todo compreensível e coerente», acabam por traduzir a coragem de quem se lançou nesta empresa: os autores, conscientes de um cânone e da «teoria» da recepção desse mesmo cânone. Implicados nessa parcialidade, que é mais honesta que a imparcialidade, recordemos, ainda assim, Jorge de Sena (tal como Lage e Rei-Sá o convocam): «há critérios possíveis, por pouco universais que sejam, para ajuizar-se da originalidade, da profundidade de visão, da segurança formal» daqueles que são chamados à colação numa antologia deste calibre. Aí, ainda haveria espaço para rever os séculos XVII e XVIII e, aplaudindo a inclusão de muitos, observar que, de frei António das Chagas, poderia ter sido introduzido o soneto «Galhardo bruto, teu bizarro alento» (atribuído por Verney a Chagas, na sua Carta Sétima do *Verdadeiro Método...*), bem como o soneto de Baía «Só vos conhece Amor, quem se conhece»; de Tolentino, as composições «Arte infeliz, 'Retórica' chamada», «Musa, basta de rimar», e incluir Gregório de Matos, eliminar partes do «Newton» do padre José Agostinho de Macedo e, de Bocage, gravar nesta antologia sonetos que antecipam muito do gosto romântico (e são até superiores). Alguns sonetos como «Camões, grande Camões, quão semelhante», «Triste quem ama, cego quem se fia», «Importuna razão não me persigas» e o reconhecido «Oh retrato da morte, oh noite amiga», resposta de Elmano a Filinto, faltas a rever numa futura reedição.

No fundo, e porque percebemos bem dos constrangimentos de escolher, seleccionar e ajuizar, tenhamos na lembrança que «mesmo para ser-se tendencioso [...] há que conhecer todas as outras tendências, para bem aproveitar o que nelas, mais do que elas pensam, possa servir a nossa», como avisou Sena, mas sem esquecer o que Reis-Sá e Rui Lage aqui quiseram fazer: deixar para o leitor comum a representatividade das diversas tendências poéticas, facultando-lhe a hipótese de «avaliar a pertinência, a relevância e a oportunidade dos vários momentos de ruptura ou de continuidade» que nesta antologia se dão a ler.

António Carlos Cortez

NOTAS

* *Poemas Portugueses — Antologia da Poesia Portuguesa do Séc. XIII ao Séc. XXI*, sel. org., introd. e notas de Rui Lage e Jorge Reis-Sá, Porto, Porto Editora, 2009.

¹ In Enric Sullà (org.), *El canon literario*, Madrid, Arco/Libros, 1998, p. 58.

BIBLIOGRAFIA

NASCIMENTO, Cabral do, *Poesia Portuguesa do Século XII a 1915*, Lisboa, Verbo, col. Biblioteca Breve, 1972.

MONTEIRO, Adolfo Casais, *A Poesia da Presença. Estudo e Antologia*, org. e pref. Osvaldo Manuel Silvestre, Lisboa, Cotovia, 2003.

SENA, Jorge de, *Líricas Portuguesas*, 2 vols., Lisboa, Edições 70, 1984.

SERRA, Pedro; Osvaldo Manuel Silvestre, *Século de Ouro. Antologia Crítica da Poesia Portuguesa do Século XX*, Braga/Coimbra/Lisboa, Angelus Novus & Cotovia, 2002.

TORRES, Alexandre Pinheiro, *Antologia da Poesia Portuguesa*, 2 vols., Porto, Lello & Irmão Editores, 1977.

CARTAS DE ANTERO DE QUENTAL

Que faz a carta senão gerar a ilusão de presença, eco de uma voz recriada no silêncio de uma leitura muda? De algum modo, engana a ausência, tornando próximos os ausentes, como salientava Cícero, partindo, em geral, de uma solidão dupla que, amiúde, se deseja preservar: enquanto o outro fica isolado no papel de destinatário, quem escreve processa uma ruptura. Escreve-se porque se está só, o que não significa que a comunicação seja efectiva, desenrolando em pensamento, na suposição de um diálogo, o fio imaginário da memória dos dias decorridos; daí as eventuais analogias com o texto diarístico ou memorialístico. A possibilidade da existência de um leitor, ainda que simbólico, estabelece aquilo que Philippe Hamon entende por um pacto de comunicação, mais ou menos implícito, entre quem escreve e quem lê.

Para Antero de Quental (1842-1891), o género epistolar foi um lugar geográfico soberano (invadido por tantos outros) de uma biografia incumprida, o que, de imediato, levanta a questão de saber em que consiste essa unidade descontínua daquilo que designamos por obra. Será que tudo o que um autor escreveu o é, correspondência incluída? O estabelecer desses parâmetros dir-se-ia também tarefa de quem investiga um espólio, tentando salvaguardá-lo de um eventual desaparecimento, questão que, desde Mallarmé, tem vindo a ser pensada e repensada e que Foucault abordou tendo em conta o manancial de lacunas e fissuras, por onde se perscrutam espaços, que toda a escrita possui.

Cinjamo-nos, então, ao epistolário de Antero, que agora surge na sua quarta edição*, exaustiva e rigorosamente tratado, desde os anos 80, pela investigadora Ana Maria Almeida Martins, autora da fotobiografia¹ e fiel anterioriana. Como na publicação anterior², segue-se a ordem cronológica, e actualiza-se a ortografia no que se considerou necessário para melhor compreensão do texto. Assinale-se a manutenção da pontuação, mesmo quando desafia as regras estabelecidas, bem como o respeito pelas idiosincrasias ortográficas. Cada volume fecha com a relação das cartas — onde se menciona, para além do nome do destinatário, o local e a data, autógrafa ou atribuída, a existência do original (manuscrito ou cópia) e, sempre que possível, a localização actual, assim como a primeira edição. A sequência de índices dos tomos aditados ao final do volume III — onomástico, geográfico-toponímico e analítico — reúne informação imprescindível a qualquer investigador atento.

Acrescem a este novo tratamento da correspondência 53 cartas, somando 757, para além de algumas inéditas e de outras publicadas em livros, jornais e revistas. Esse aumento deve-se sobretudo à inclusão de 29 missivas destinadas a Oliveira Martins, apresentadas por Lúcio